

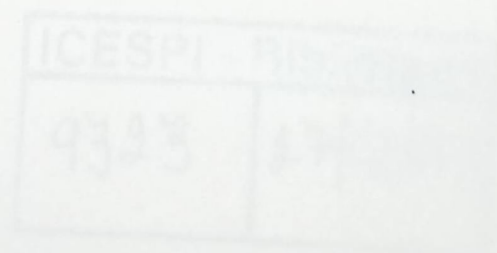
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUI – ICESPI

ISAÍAS GALDINO FERREIRA

**A VERDADE NA OBRA “VERDADE E CONHECIMENTO” DE SANTO TOMÁS DE
AQUINO**

TERESINA

2012



ISAIAS GALDINO FERREIRA

A VERDADE NA OBRA "VERDADE E CONHECIMENTO" DE SANTO TOMÁS DE
AQUINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Filosofia, como requisito à
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Filosofia, do Instituto Católico de Estudos
Superiores do Piauí - ICESPI, na área de
Ciências Humanas.

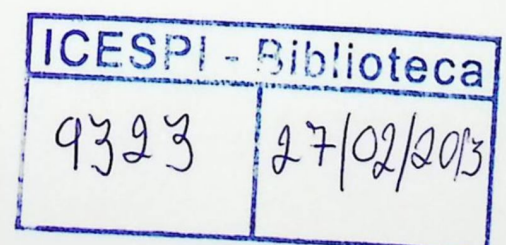
A VERDADE NA OBRA "VERDADE E CONHECIMENTO" DE SANTO TOMÁS DE
AQUINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Filosofia, como requisito à
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Filosofia, do Instituto Católico de Estudos
Superiores do Piauí - ICESPI, na área de
Ciências Humanas.

Orientador: Professor. Dr. Domingos Barbosa Filho

TERESINA

2012



ISAÍAS GALDINO FERREIRA

**A VERDADE NA OBRA “VERDADE E CONHECIMENTO” DE SANTO TOMÁS DE
AQUINO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Filosofia, como requisito à
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Filosofia, do Instituto Católico de Estudos
Superiores do Piauí - ICESPI, na área de
Ciências Humanas.

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ-ICESPI

Curso de Licenciatura Plena em Filosofia

Data de aprovação: ____ de ____ de 20____

BANCA EXAMINADORA

Nome do Orientador

Nome do Examinador (a)

Nome do Examinador (a)

Dedicatória

RESUMO

FERREIRA, I. G. A verdade na obra "Verdade e Conhecimento" de Santo Tomás de Aquino. Trabalho de conclusão de curso – TCC, 38-4, 2012. Disponível online em Filosofia II ECF, Teresina, 2013.

Este trabalho apresenta uma discussão acerca da verdade na filosofia tocando o filósofo – teólogo Tomás de Aquino. A verdade como o objeto mais almejado na reflexão filosófica é desde os gregos até os tempos modernos, e muitas da certezas de várias visões para se chegar a mesma. É uma busca pelo conhecimento verdadeiro que permeia os séculos. Os filósofos de antiga Grécia tinham dedução aceita de uma verdade universal com princípios de natureza naturalista. Séculos depois, a filosofia se vê em um paralelo com o empirismo, o conhecimento se encontra no âmbito da observação, sobretudo no filósofo Tomás de Aquino onde a verdade é definida no plano intelectual humano e no divino. Vê-se na filosofia medieval e razão, o princípio causador de todas as coisas se sobe a lei da natureza criada de todas as coisas. A filosofia culmina então na época contemporânea, onde as coisas correntes filosóficas e o avanço da ciência empírica, muitas vezes, impedem um conhecimento verdadeiro. Os neotomistas dialogam com as doutrinas contemporâneas explicando os aspectos em que são meras repetições pela filosofia medieval.

Palavras – chave: princípio causador, Tomás de Aquino, conhecimento verdadeiro, naturalismo.

RESUMO

FERREIRA, I. G. **A verdade na obra “Verdade e Conhecimento” de Santo Tomás de Aquino**. Trabalho de conclusão de curso – TCC, 36. f. 2012. Licenciatura plena em Filosofia. ICESPI. Teresina, 2012.

Este trabalho apresenta uma discussão acerca da verdade na filosofia focando o filósofo – teólogo Tomás de Aquino. A verdade, como o objeto mais almejado na reflexão filosófica é, desde os gregos até os tempos hodiernos, o motivo da existência de várias vias para se chegar a mesma. É uma busca pelo conhecimento verdadeiro que perpassa os séculos. Os filósofos da antiga Grécia faziam deduções acerca de uma verdade universal com princípios de caráter naturalista. Séculos depois, a filosofia se vê em um paralelo com o cristianismo, o que remete ao período medieval, sobretudo ao filósofo Tomás de Aquino onde a verdade é definida no plano intelectual humano e no divino. Vê-se na relação entre fé e razão, o princípio causador de todas as coisas dando lugar a um ser supremo criador de todas as coisas. A filosofia culmina então na época contemporânea, com as novas correntes filosóficas e o avanço da ciência empírica, ambas reivindicando um conhecimento verdadeiro. Os neotomistas dialogam com as correntes pós-modernas explicitando os aspectos em que são marcadas pela influência tomista.

Thomist

Palavras – chave: princípio causador, Tomás de Aquino, conhecimento verdadeiro, neotomismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO

O PROBLEMA DA VERDADE E DO CONHECIMENTO

NO DISCURSO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

1. A filosofia grega e o discurso da primeira

2. O conhecimento filosófico no contexto medieval

2.1. Santo Agostinho e a teoria platônica da verdade

FERREIRA, I. G. The truth in the book "Truth and Knowledge" by Thomas Aquinas. Completion of Course Work – CCW, 36. f. 2012. Full degree in Philosophy. ICESPI. Teresina, 2012.

3. A verdade na filosofia contemporânea

This work presents a discussion about truth in philosophy focusing philosopher - theologian Thomas Aquinas. The truth, as the most desired object in philosophical reflection is, from the Greeks to the modern times, the reason for the existence of multiple paths to reach the same. It is a search for the true knowledge that permeates the centuries. The philosophers of ancient Greece made deductions about a universal truth principles with naturalist. Centuries later, the philosophy sees a parallel with Christianity, which refers to the medieval period, mainly to the philosopher Thomas Aquinas where truth is defined in the intellectual human and divine. It is seen in the relationship between faith and reason, the principle cause of all things giving rise to a supreme being creator of all things. The philosophy then culminates in the contemporary era, with new philosophical and empirical advancement of science, both claiming a true knowledge. The neotomistas dialogue with the current postmodern highlighting the aspects that are marked by the influence Thomist.

Keywords: causative principle, Aquinas, true knowledge, neotomismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
I. CAPÍTULO	
O PROBLEMA DA VERDADE E DO CONHECIMENTO	
NO DISCURSO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA.....	10
1. A filosofia grega e o discurso da causa primeira.....	10
2. O conhecimento filosófico no contexto medieval.....	13
2.1. Santo Agostinho e a teoria platônica do verdadeiro.....	14
2.2. Santo Anselmo e a verdade suprema.....	15
2.3. O realismo em Santo Tomás de Aquino e a metodologia dos escritos.....	15
3. A verdade na filosofia contemporânea.....	17
II. CAPÍTULO	
A VERDADE EM “VERDADE E CONHECIMENTO” DE SANTO	
TOMÁS DE Aquino.....	21
1. O conceito de verdade e pela adequação.....	21
2. A verdade no intelecto e nas coisas.....	24
3. A mutabilidade da verdade no intelecto.....	26
4. A verdade suprema.....	27
5. A verdade primeira como causa de todas as verdades.....	28
III. CAPÍTULO	
A VERDADE TOMISTA NA FILOSOFIA ATUAL.....	30
1. A verdade tomista no mundo.....	30
2. A verdade tomista no Brasil.....	34
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

INTRODUÇÃO

Em toda a história da filosofia, assim como em suas correntes de pensamento, os filósofos de alguma forma, com maior ou menor intensidade buscaram o conceito de verdade. Esta abordagem tem como objetivo, fazer uma retrospectiva da verdade no discurso filosófico ao longo da história. Começando pelos gregos que, segundo a tradição, precederam as demais sociedades com uma filosofia sistemática. Depois, essa verdade será abordada no contexto medieval, fundamentada, sobretudo, em Tomás de Aquino, cujo significado se dá pela razão que apreende o mundo real. Duas realidades serão consideradas: o sujeito pensante e o mundo material. Logo após, cria-se uma relação entre essas duas realidades, onde o sujeito apreende o objeto (*Adequacio intellectus et res*) e então, constrói-se o conhecimento.

A necessidade de se falar sobre a verdade, parte da importância da mesma não só para a filosofia, mas para o espaço sócio-político atual, envolvido pelos meios de comunicação. O modo de falar a verdade significa hoje à busca de uma linguagem coerente que expresse a verdade e não dê margem a ambigüidades. Sendo a verdade, algo do qual se procura falar de forma coerente, é conveniente seguir a tradição e rever de forma investigativa como Tomás de Aquino discorre sobre este tema.

De forma geral esta investigação envolverá os seguintes objetivos: Determinar a existência da verdade nas coisas enquanto entes; considerar a existência da verdade, no intelecto e nas coisas; identificar uma verdade única como causa primeira, pela qual todas as coisas são verdadeiras; características e autonomia de uma verdade primeira sobre as outras.

Este trabalho terá como base a obra, *Verdade e conhecimento* de Tomás de Aquino. A verdade por ele investigada é a essência do ato existencial. É a construção de um caminho do pensamento até o ser. No percurso, analisa-se o sujeito pensante, o intelecto humano, o objeto e os sentidos até chegar a uma verdade primeira (o ser) que tem em Deus seu último fundamento.

O tema, A verdade na obra *Verdade e Conhecimento* de Santo Tomás de Aquino, será desenvolvido no primeiro capítulo, por meio de um método histórico, uma sinopse da busca da filosofia por uma verdade ao longo da história. No segundo capítulo, uma síntese da questão *De veritate*, irá aprofundar a

compreensão de uma verdade pela adequação. A apreensão desta, no contexto em que foi elaborada servirá como base para uma discussão da verdade na contemporaneidade. Finalmente, no terceiro capítulo, ver-se-á como acontece o diálogo dos neotomistas com as novas correntes de pensamento atuais. O método comparativo aparecerá de modo ofusco destacando como a filosofia tomista marcou o homem através dos séculos.

A deliberação acerca do verdadeiro com ente se dará, em uma análise da relação do ente com quem o percebe. Daí que, trocando o termo “ente” por “objeto” tem-se o problema do conhecimento. Como esta investigação terá caráter realista, o objeto em questão precisa ter uma consonância com a realidade, depois a relação do mesmo com o sujeito. A partir da afinidade sujeito - objeto surge o conhecimento e finalmente a discussão sobre a verdade do mesmo sendo que, não será discutido aqui quem determina quem entre sujeito e objeto. Tendo-se a noção de como se constrói o conhecimento e como o objeto (ente) está envolvido neste processo chega-se à ideia de verdade e o seu conceito. Esta discussão abrangerá qualquer realidade que seja possível formular sobre ela um enunciado verdadeiro. Por outro lado, não há necessariamente a pretensão de tratar neste trabalho de realidades específicas, mas discutir o verdadeiro no cume do seu significado. A verdade na obra Verdade e Conhecimento de Tomás de Aquino é um tema que irá proporcionar uma contribuição na definição de uma verdade, e servirá para compreender seu uso na contemporaneidade.

I. CAPÍTULO

O PROBLEMA DA VERDADE E DO CONHECIMENTO NO DISCURSO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

O discurso filosófico ao longo da história busca o conhecimento que está ligado ao conceito de verdade. A filosofia surge da admiração, curiosidade e até mesmo do espanto do homem diante da ordem natural das coisas e da dinâmica da natureza. Observando o movimento do mundo ao seu redor, o homem pergunta qual é a causa de tais fenômenos. Este comportamento persistiu através dos séculos, sendo a filosofia, uma corrida para obtenção do conhecimento verdadeiro.

1. A filosofia grega e o discurso da causa primeira

A filosofia grega tem sua origem voltada para a natureza e pertencem a ela os filósofos pré-socráticos, também chamados naturalistas. Estes tentaram explicar desde problemas mais simples como os relacionados aos fenômenos da lua, do sol, dos astros e foram progredindo até chegar a problemas relativos à origem de todo o universo. Na evolução do pensamento filosófico, Tales de Mileto é por tradição na história da filosofia citado como o primeiro filósofo a afirmar a existência de um princípio originário único, a água. Seu discípulo Anaximandro de Mileto aprofundou a problemática e propôs como princípio único o *a-peiron*, que significa *privado de limites*. Após Anaximandro, floresceu a opinião de Anaxímenes de Mileto considerando que o princípio deve ser infinito, mas que precisa ser pensado como *ar infinito*, porque o ar é uma substância que não tem forma nem limites, está próximo ao incorpóreo.

Heráclito de Éfeso, posterior aos filósofos de Mileto, leva a nível temático o *dinamismo universal*. Com Heráclito nada permanece imóvel e fixo, as coisas mudam sem exceção “tudo se move”, “tudo escorre”, “não se pode descer duas vezes no mesmo rio”. O oponente mais importante deste ponto de vista é Parmênides que por sua vez afirma que tudo está parado, o movimento é apenas aparente. Em Heráclito já surge uma série de elementos relativos à verdade e ao conhecimento quando se refere à aparência das coisas nas quais se detém os

sentidos e que a verdade consiste em captar, para além dos sentidos, a inteligência que governa todas as coisas. Seu princípio único é o fogo.

Vários filósofos tentaram explicar as causas dos fenômenos do mundo pela própria natureza. Somente no século V a. C. Sócrates aparece para se tornar um símbolo da própria filosofia. Em sequência a ele vem Platão e Aristóteles, os três juntos, marcaram uma época na história da filosofia. Insatisfeito com os naturalistas, Sócrates desloca o foco de reflexão da natureza para o homem e em sua antropologia, procura responder o que seja a essência do homem. A isto ele responde: o homem é a sua *alma*, ou seja, o eu consciente, a consciência e a personalidade intelectual e moral.

A filosofia de Platão tem como ponto fundamental a segunda navegação como ele assim o chama. Consiste na descoberta do *supra-sensível*, do *ser inteligível*, ou seja, uma dimensão suprafísica do ser. Trata-se da metafísica de Platão. O verdadeiro ser para Platão se constitui nas *idéias*, elas são as essências das coisas. Estas idéias estão separadas das coisas em uma dimensão diferente. Platão denominou esta dimensão de Hiperurânio ou o mundo das Ideias. Na hierarquia do mundo das idéias de Platão, o princípio incondicionado e absoluto é a idéia do bem, da qual todas as idéias derivam. O mito da caverna é quem melhor representa a relação do conhecimento humano com o Hiperurânio. Em uma das interpretações do mito podem ser percebidos alguns elementos na seguinte ordem: as sombras, as estátuas, o muro e o sol. Na mesma ordem denotam: as aparências do sensível; as coisas sensíveis; a divisão entre o sensível e o supra-sensível; e por último a ideia do bem.

O conhecimento para Aristóteles é uma adequação do intelecto a coisa. Como influenciador da filosofia tomista, a adequação em Aristóteles acontece em uma realidade de caráter empírico, sendo que, para Tomás de Aquino, esta realidade é qualquer coisa a que se possa formular um juízo de valor. Mas Aristóteles submete esta realidade a uma ou mais causas, sem regredir ao infinito, este fator desloca Aristóteles do campo meramente empírico. A metafísica de Aristóteles é apresentada em uma primeira definição como busca das causas primeiras e das realidades que estão além da física. No que se refere ao mundo do devir ele definiu quatro causas: formal, material, eficiente e final. Nas causas, formal e material, se explica a realidade de algo estático. Na realidade dinâmica do devir, algo se explica pela causa eficiente (como nasceu, quem o gerou) e final (para qual

objetivo tende o devir). Em uma segunda definição da metafísica, Aristóteles fala da ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe cabem enquanto tal. A este ser, Aristóteles atribuiu quatro grupos de significados: as categorias; o ato e a potência; o acidente; o ser como verdadeiro. Por último, no topo da sua construção metafísica, Aristóteles demonstra a existência da substância *supra-sensível*, porém, diferente da *idéia* de seu mestre, trata-se do motor imóvel eterno e privado de potência que tudo move e não é movido por nada.

O termo *metafísica* tem origem posterior a Aristóteles, assim formulado para organizar suas obras, pelo fato de algumas fazerem alusão a coisas que estão além da física. Aristóteles fala em ciência das causas primeiras, e diz que a filosofia é conhecimento da verdade e o conhecimento da verdade é o conhecimento das causas. Mesmo que seja difícil alcançar a verdade é impossível não apreendê-la de modo nenhum, pois qualquer coisa que se afirmar a respeito da realidade já é uma contribuição ao conhecimento da verdade. Supõe-se um investigador que tenha contribuído com doutrinas e especulações, em grande número de obras de sua autoria. Vale a ele o reconhecimento dos investigadores posteriores, mas não somente a ele. Ao remeter-se a causa eficiente de tal investigador vê-se que aquele que o gerou pode nunca ter produzido nada para contribuição na busca da verdade, ou até mesmo ter sido analfabeto, porém ocupa um lugar distinto na estrutura da metafísica.

Ora não conhecemos a verdade sem conhecer a causa. Mas qualquer coisa que possua em grau eminente a natureza que lhe é própria constitui a causa pela qual aquela natureza será atribuída a outras coisas [...]. Portanto o que é causa do ser verdadeiro das coisas que dele derivam deve ser verdadeiro mais que todos os outros. (ARISTÓTELES, 2002, p. 73).

Sobre as causas Aristóteles define que são limitadas tanto em espécie como em número. O princípio primeiro não admite uma série infinita de causas nem em uma mesma espécie e tampouco em um número infinito de espécies. Ao afirmar algo, procura-se pela sua causa e depois pela causa da causa, de modo que, não pode haver um regresso ao infinito.

Em determinado estágio do conhecimento admite-se algo como causa final que não está fundamentado em nada, mas que fundamenta tudo. Seguindo o raciocínio, fica evidente que entre o primeiro termo e o último encontram-se termos intermediários dos quais o primeiro é a causa. Os termos intermediários são causa

uns dos outros não no sentido vice-versa, mas em uma só direção de modo que ao chegar-se no último, este não causa mais nada. Uma representação disto é a chuva causada pelo vapor de água que por sua vez é causada pela temperatura que a evaporou e esta causada pela estação mais quente do ano. Do primeiro para o último tem-se: verão > temperatura > vapor de água > chuva. Os dois termos intermediários causam apenas o que lhe sucede e são movidos pelo que lhe antecede. Nesta estrutura, ao considerar a infinidade das causas é possível o último termo sendo que os demais seriam igualmente intermediários, tal raciocínio não tem razão de ser porque, "se nada é primeiro, não existe causa." (ARISTÓTELES, 2002, p. 75). De modo semelhante, se existe um princípio no topo da série das causas, também é impossível descer ao infinito de forma que os intermediários nunca deixariam de ser causa de um posterior não admitindo o último termo.

2. O conhecimento filosófico no contexto medieval

A corrida filosófica em busca do conhecimento verdadeiro ao longo da história se diversifica por fatores internos (métodos) e externos (contexto histórico de cada época). A idéia de se chegar ao conhecimento verdadeiro é mantida na filosofia, porém a influência do cristianismo ocidental era marcante e esta crença em contato com a tradição grega recebe as marcas da filosofia antiga. Isto não significa dizer que a filosofia foi dominante, pois a tradição cristã ditava os objetos de investigação, os problemas e nada era repassado além do interesse de sua perspectiva.

O mundo filosófico da Idade Média, sobretudo o escolástico, tem suas peculiaridades um tanto intrigantes para a atualidade. A filosofia assim como sua produção escrita na idade média era algo muito direcionado ao contexto social da época. A realidade medieval foi fortemente marcada pelo cristianismo que representava um grande valor para o povo daquele tempo. Tanto as autoridades eclesiais quanto a população coagiam qualquer pensamento que contrariasse suas verdades imersas no pélago religioso. Os estudos de ordem religiosa tinham repulsa pelas chamadas ciências profanas com exceção da lógica e da ética. Denifle, nas constituições decreta o seguinte:

Ninguém deve estudar nos livros dos pagãos e dos filósofos, nem sequer uma só vez durante uma hora em suas páginas; nem deve aprender as ciências mundanas nem as chamadas artes liberais, exceto no caso em que o Geral ou o Capítulo Geral especialmente o permitam. Tanto os irmãos

moços como os velhos devem ler, antes, somente livros teológicos (DENIFLE, 1228, apud GRABMANN, 1959, p. 88).

A mentalidade medieval, com exceções, era intolerante não só a desordem social provocada pelas heresias, mas também inflexível as ciências que tinham pretensão a uma verdade contrária a ideologia e a filosofia de seu costume. O posicionamento conservador era constante diante dos conhecimentos não teológicos das ciências profanas. Neste sentido, a verdade filosófica medieval em Santo Agostinho, Santo Anselmo e Santo Tomás de Aquino tem em seu cume o mesmo significado da religião, ambas encontram em Deus sua máxima expressão.

2.1. Santo Agostinho e a teoria platônica do verdadeiro

Santo Agostinho foi o pensador que levou ao auge a filosofia patrística, nele a filosofia cristã teve o seu início e definição, construindo base para o pensamento cristão de todo o milênio. A filosofia de Santo Agostinho, embora de inspiração cristã, é revestida pelo neoplatonismo. Os traços explícitos em seus escritos podem ser apreciados ao recordar o mito da caverna em trechos referentes à sagrada escritura onde o homem da caverna e o homem enquanto criação querem por si deter o conhecimento.

A alma do homem, ainda que dê testemunho da Luz, não é, porém, a Luz; mas o Verbo – Deus – é a Luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem a este mundo. Estavam neste mundo que foi feito por Ele, e o mundo não o conheceu. – Porém que veio para o que era seu e os seus não o receberam (AGOSTINHO, 1999, p. 151).

Santo Agostinho coloca Deus no mundo supra-sensível platônico e o vê através das coisas criadas. Este novo princípio incondicional não só lhe mostra o mundo sensível, mas também lhe concede a capacidade de compreendê-lo como criação. Em um contato improdutivo com um retórico de Cartago, Santo Agostinho fala sobre as dez categorias de Aristóteles, que de forma individual, já havia antes entendido do seu modo: “como a figura do homem; a estatura, quantos pés mede; o parentesco, de quem é irmão; onde se acha; quando nasceu; se está de pé ou sentado; calçado ou armado; se faz alguma coisa; se padece algo;” (Agostinho, 1999, p. 92). Percebe-se na sequência as seguintes categorias: a substância, a quantidade, a relação, o lugar, o tempo, o estado, o hábito e a paixão.

2.2. Santo Anselmo e a verdade suprema

Santo Anselmo se aproxima de Santo Agostinho em elaborar um conhecimento alicerçado na relação entre a razão e a fé. É o uso da filosofia na preparação do espírito para atingir o princípio último e supremo. “Princípio vivificante e estimulador, a fé não suprime a razão nem a inteligência, senão que, ao contrário, as desperta em vista da precisão que tem delas.” (BOEHNER, 2007, p. 257).

No seu tratado sobre a verdade em *Dialogus de Veritate*, Santo Anselmo dá uma definição geral diversificando-a no juízo, no pensamento, na vontade e nas essências. A começar pela verdade enquanto domínio do juízo este é verdadeiro quanto significa uma realidade como deve significá-la, do contrário é falso, sem variação quanto à afirmação ou a negação da proposição. “— Logo, quando significa existir o que existe, a significação é reta.” (ANSELMO, 1979, p. 147). A verdade do pensamento é a “retidão” com a realidade pensada pelo sujeito que ao afirmar que aquilo é, e ele de fato é. A vontade por sua vez se relaciona com o dever. A reta vontade é aquela que quer o que se deve querer. Por fim, nas essências o ápice se manifesta como *retidão* é a verdade que determina as demais e onde todas encontram um ponto em comum.

De forma que Deus é a causa de todas as demais verdades e retitudes; Sua própria verdade e retitude porém é incausada. Toda verdade pressupõe uma realidade última, que é Deus, inclusive os enunciados sobre o passado e o futuro; estes são verdadeiros, num primeiro momento, por exprimirem um fato que foi ou que será. Mas visto que tais verdades, ou ainda não existem, ou já deixaram de existir, a sua verdade não pode basear-se na realidade do seu próprio ser. São verdadeiras porque existem na verdade eterna, sem a qual não seriam verdadeiras: (BOEHNER, 2007, p. 260).

2.3. O realismo em Santo Tomás de Aquino e a metodologia dos escritos

A filosofia medieval elaborada por Santo Tomás de Aquino firma-se na investigação e com um método expositivo bastante peculiar. Os textos eram organizados em forma de questões disputadas, ou seja, as obras eram a reprodução de debates que ocorriam entre os mestres. Em relação às obras literárias atuais, a dessemelhança é notável, mas tudo se deve a atividade de ensino da época que consistia em ler os textos. Pela interpretação destes textos nasceram as questões que nada mais eram do que várias conclusões de autores diferentes sobre determinado assunto postas em confronto. Era na época, uma forma de esclarecer melhor o conteúdo que foi se tornando um hábito. Com o passar do tempo estes

conflitos de opiniões não eram apresentados apenas sob forma escrita, mas colocados em debates públicos e dos resultados de tais debates saíam anotações dos conteúdos que seriam ministrados posteriormente.

É bom saber que os textos das Questões disputadas, encontrados nas obras dos mestres medievais, não reproduzem ao pé da letra a disputa realizada na sessão solene de defesa das teses, mas sim um arranjo metódico das anotações tomadas logo após, e que, além disto, deviam ser dadas em aulas, dentro do currículo normal numa segunda reunião. (GARDEIL, 1967, p. 27).

Pode-se finalmente compreender os escritos de Santo Tomás de Aquino sob forma de artigos, em particular a *Suma Teológica* que são o resultado em resumo dos debates e disputas feitos em público. Essas discussões intensas em uma época de notável intelectualidade e curiosidade justificam esse formalismo na exposição das obras. Tal objetivo metodológico era também respeitar aqueles que anteriormente se manifestaram sobre o assunto em discussão. Já havia naquele tempo a iniciativa em valorizar as contribuições antes elaboradas.

A reflexão tomasiana é marcada pelo realismo. Santo Tomás de Aquino trata do conhecimento de modo que para chegar a este e ter um conceito de verdade é necessário considerar uma realidade fora da mente que ele a chama de *ente*. A verdade está, portanto vinculada ao fenômeno do conhecimento e compreende-se aqui de dois modos: a verdade imanente e a verdade transcendente. Na primeira o conhecimento é a concordância do pensamento consigo mesmo, a verdade está no interior do próprio pensamento não partindo de algo externo. Na segunda existe uma relação entre o ente e o sujeito que o percebe. Trocando o termo “ente” por “objeto” admite-se o problema do conhecimento. O objeto em questão, necessariamente em consonância com a realidade, faz uma relação com o sujeito. A partir da afinidade sujeito - objeto vem o conhecimento e finalmente a discussão sobre a verdade deste conceito sendo que, não será discutido aqui se é o sujeito quem determina o objeto ou vice-versa. Este realismo é familiar na filosofia contemporânea: “O verdadeiro problema do conhecimento, portanto, coincide com a questão sobre a relação entre sujeito e objeto.” (HESSEN, 2003, p. 69). De Vries, jesuíta filósofo, fala por inspiração tomista que a reflexão crítica leva a perceber que o homem é capaz de adquirir o conhecimento verdadeiro e que seu entendimento tende por sua própria

essência ao conhecimento do real. Seu pensamento é comentado da seguinte forma:

Esta tendência a se conformar com o real é por conseguinte nele uma tendência natural; de outra feita, esta tendência encontra sua derradeira fundamentação no Ato puro, fonte originária de todo nosso movimento impulsivo em direção da verdade. (CAMPOS, 1989, p. 299).

Esta é uma verificação que leva em conta o real, porém conduzindo-o a uma razão de ser transcendental. Por sua vez, a ciência moderna domina cada vez mais a natureza fazendo grandes avanços em suas pesquisas e impressionando a todos pela sua precisão. Porém, este deslumbramento não satisfaz a todos os anseios do homem, nem mesmo lhe proporciona um estado duradouro de bem-estar. A investigação dentro do campo empírico não consegue apontar as primeiras causas, os fins últimos que subordinam o homem e a natureza.

3. A verdade na filosofia contemporânea

O *fenomenalismo* terá aqui uma maior ênfase devido a sua evolução do período moderno ao contemporâneo com o movimento fenomenológico de Husserl. Tomando uma posição de destaque na filosofia do século XX, o fenomenalismo (de *phainómenon*, fenômeno = aparência) foi uma tentativa de Kant de reconciliar o realismo e o idealismo. A teoria fenomenalista diz ser o homem conhecedor das coisas da maneira como elas o aparecem e não como são realmente. Embora esta teoria esteja de acordo com o realismo sobre a existência de coisas reais, limita o conhecimento dado na consciência definindo-o como aparência. Johannes Hessen diz que:

Para Kant, espaço e tempo são apenas formas de nossa intuição, funções de nossa sensibilidade que inconscientemente e involuntariamente colocam nossas sensações em justaposição e sucessão, ordenando-as espacial e temporalmente. (HESSEN, 2003, p. 86-87).

A fenomenologia de Edmund Husserl aparece com traços do neokantismo desconfiando do apriorismo idealista. Ela se volta para o concreto procurando firmar-se em dados imediatos e inegáveis, seu ponto de partida é o retorno as próprias coisas. Entra então novamente o papel da intuição na descrição dos fenômenos que se apresentam a consciência depois de uma *epoché*. A existência da consciência é

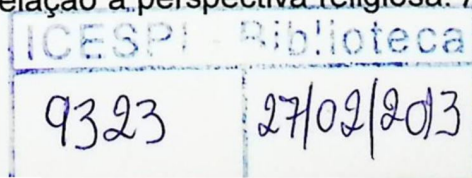
imediatamente evidente, e a partir desta evidencia descreve-se o modo como as coisas se apresentam a consciência denominadas *essências eidéticas*. A fenomenologia tem sua pretensão voltada à análise e à descrição das essências. Não é o fato nem as opiniões pré-concebidas que interessam ao pesquisador, mas o porquê de serem de tal forma e não de outra. Com Husserl, termos como: intuição e intencionalidade ganham grandes expressões. “Na intuição há a presença da realidade do objeto enquanto conhecido, isto é, a adequação entre o objeto e seu conhecimento meramente pensado.” (AQUINO, 1999, p. 99).

O movimento fenomenológico ganha expressão, sobretudo com Martin Heidegger na obra *Ser e Tempo*. Primeiro é feita uma fundamentação ao significado da palavra *fenomenologia* analisando etimologicamente os termos *fenômeno* e *logos*. Os conceitos criados com verificações superficiais não são fiéis em significado. O objetivo é criar um conceito autêntico tornando-o mais abrangente na definição de seus princípios. Dado este rigorismo, Heidegger conclui que da conexão que liga *fenômeno* e *logos* formula-se o seguinte “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo.” (HEIDEGGER, 1999, p. 65). Estando satisfeito com este conceito, ele se empenhará na missão de “desvelar” o ser com este método.

Só é possível conquistar o modo de encontro com o ser e suas estruturas nos fenômenos a partir dos próprios objetos da fenomenologia. É por isso também que o ponto de partida das análises, o acesso aos fenômenos e a passagem pelos encobrimentos vigentes exigem uma segurança metódica particular. A idéia de apreensão e explicação “originárias” e “intuitivas” dos fenômenos abriga o contrário da ingenuidade de uma “visão” casual, “imediate” e impensada. (HEIDEGGER, 1999, p. 67).

Com Heidegger o fenomenalismo evolui e dele deriva o existencialismo. Heidegger o faz divergindo do ponto de vista de Husserl. Contemporâneo a Heidegger, Gadamer continua com este movimento filosófico, que por sua vez critica a atitude científica como detentora do conhecimento e inibe o método investigativo na filosofia. “A fecundidade do conhecimento das ciências do espírito parece mais próxima a intuição do artista do que ao espírito metodológico da investigação.” (GADAMER, 2002, p. 50).

No mundo contemporâneo a pluralidade cultural e religiosa se apresenta como uma riqueza aos olhos da humanidade. A filosofia enveredou livremente por vários ramos de pensamento sendo autônoma em relação à perspectiva religiosa. A



ciência empírica entra no contexto atual reivindicando a capacidade de ser mais autêntica na definição de uma verdade. Com a maioria dos adeptos, as investigações baseadas na experiência restringem-se ao que é abarcado pelos sentidos assim como seus resultados que, diferente da filosofia são traçados no início. As conseqüências investigativas da ciência são determinadas, sobretudo pela utilidade em questões práticas, é a verdade pragmática. Em um estado permanente de imanência, a ciência empírica encontra-se em meio a transcendentais fora de sua arcada reflexiva, tidos por ela sem importância e cujos resultados desconsiderados por se encontrarem em uma investigação fora de seus critérios metodológicos.

Esse desconforto com relação à pretensão de verdade da ciência se acentua sobretudo na religião, na filosofia e na concepção de mundo. São as instâncias a que apela o cético contra a ciência, a fim de demarcar os limites da especialização científica e da investigação metodológica frente às questões decisivas da vida. (GADAMER, 2002 p. 59).

Dentro da filosofia atual, existe tanto a investigação ontológica da verdade traçando um fim último, quanto o questionamento do modo de fazê-la. Para, além disto, enfoca o impacto sociopolítico que a filosofia sempre despertou nas estruturas tradicionais. Logo, as barreiras que no passado limitaram a busca e a explanação da verdade se apresentam em vestes diferentes em tempos hodiernos. Estes obstáculos atravessam os tempos se transformando e não se extinguindo.

Seria uma ilusão acreditar que este problema não existe mais no estado moderno, porque esse estado reconhece, de princípio, a liberdade da ciência. (...) Embora a idéia da verdade presida a vida do investigador de maneira incondicional e inequívoca, sua franqueza para falar é limitada e polivalente. (GADAMER, 2002, p. 57).

Não é fácil para as ciências de espírito romper com estes condicionamentos sociopolíticos e embora a pretensão da filosofia não se demarque em solucionar seus questionamentos, o seu avanço é resumido quando esta é forçada a caminhar a passos curtos. A produção intelectual já é de início, tendenciosa a ir de encontro a um reconhecimento agradável do leitor.

A produção histórica filosófica está imersa no pluriculturalismo e no avanço da ciência e da tecnologia. A filosofia, hora tem um anseio pela verdade enquanto conceito definido e abarcado universalmente, hora aceita-a apenas como busca e questionamento. O alvo da discussão filosófica geral são realidades naturais,

II. CAPÍTULO

A VERDADE EM VERDADE E CONHECIMENTO DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

O problema da verdade abordado em Santo Tomás de Aquino é melhor compreendido, visto do ângulo em que, o objetivo do *De Veritate* é estabelecer um conceito de verdade, tendo em vista as realidades que se sujeitam ao intelecto humano. É uma discussão que repercute no pensamento filosófico posterior. A questão *De Veritate* constata o conceito de verdade, e o firma sobre o alicerce da causa primeira. E embora dispondo de um método já discutido no primeiro capítulo, se apresenta no percorrer dos artigos como um tratado mais persuasivo do que deliberativo, mas sem perder a disposição de um diálogo entre qualquer corrente de pensamento. A finalidade da obra é delimitar a verdade dando a ela um fim de base teológica, mas passando pelas vias da razão.

1. O conceito de verdade pela adequação

A exposição do conceito de verdade no *De veritate*, se dá em uma análise da relação do verdadeiro com o ente. Nesta analogia, as primeiras opiniões citadas como objeções, independentes do pensamento de Tomás de Aquino defenderão a total identificação entre ambos os termos no que se refere aos seus conceitos. Ao dizer o verdadeiro como *aquilo que é*, remete-se ao ente tornando os dois conceitos equivalentes, pois como um não pode ser compreendido sem o outro, não existe diferença entre ambos. Se, por acaso, ambos os conceitos pudessem ser entendidos independentes um do outro se concordaria com a diferença de definição. Se tal separação fosse possível, compreender-se-ia do seguinte modo:

Tudo aquilo que difere conceitualmente é tal que um pode ser entendido sem o outro. Daí que Boécio [...] diz poder-se entender que Deus existe, ainda que por um instante separe com o intelecto a sua bondade. O ente, no entanto, de modo algum pode ser entendido se dele se separar o verdadeiro; pois é entendido precisamente por ser verdadeiro. Portanto o verdadeiro e o ente não diferem conceitualmente. (AQUINO, 1999, p. 141).

Averigua-se ainda, a impossibilidade do verdadeiro ser uma disposição do ente, caso não sejam a mesma coisa. As conclusões lógicas seriam as seguintes: esta disposição não poderia se referir ou indicar uma característica que fizesse do ente um não-ente; No caso de uma referência a um aspecto do ente, o verdadeiro generalizaria este aspecto a todo o ente, de modo que, alguém seria considerado branco por ter os dentes brancos; Também não poderia ser uma disposição que limitasse ou especificasse o ente; por essência todo ente é verdadeiro, se houvesse alguma diferença entre ambos, a essência seria o ponto do qual não se poderia partir ao fazer esta comparação; e considerando uma distinção na relação destes conceitos, o que se entende por verdadeiro (aquilo que é), daria ao ente algo de acréscimo. Porém, a única coisa que se pode particularizar do verdadeiro, com relação ao ente, é sua capacidade de referir-se ao não-ente. Confere-se então que:

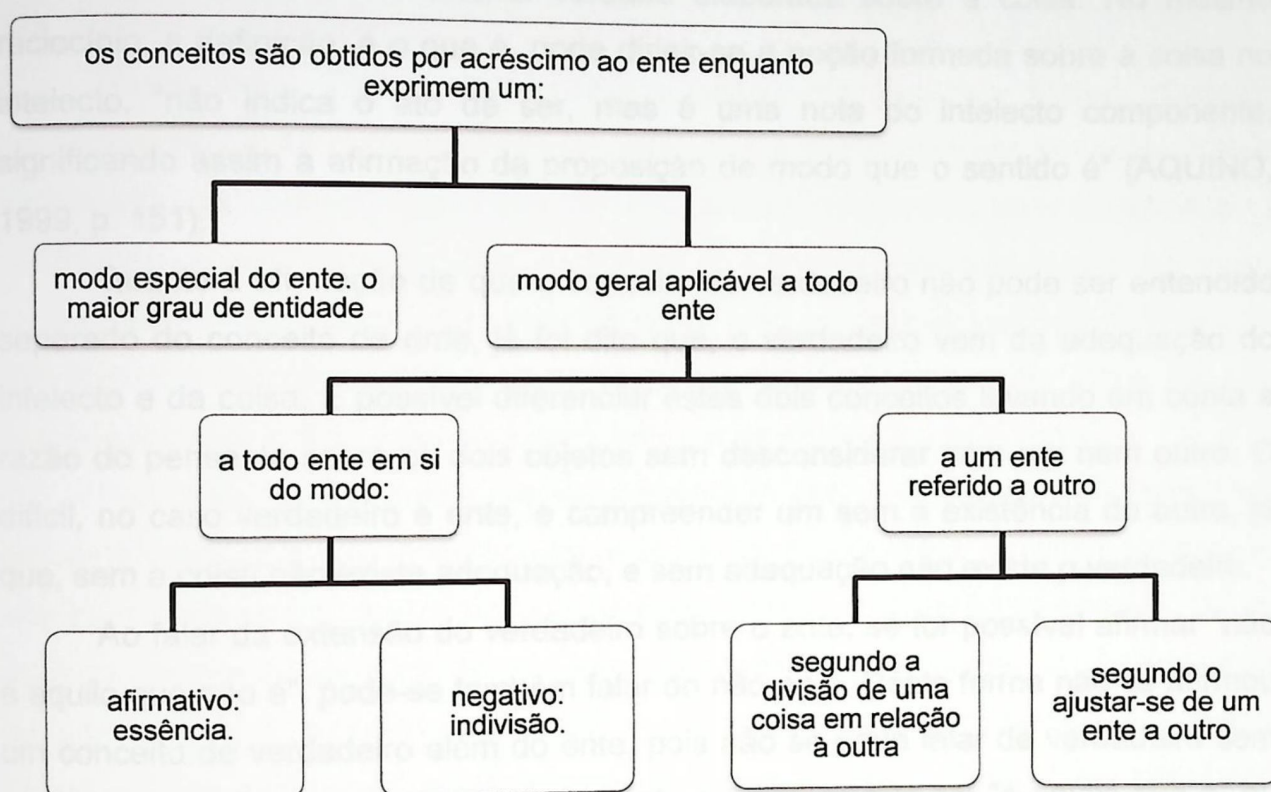
Se não forem em tudo idênticos, é necessário que o verdadeiro acrescente algo ao ente; mas o verdadeiro nada acrescenta ao ente, mesmo sendo mais extenso do que o ente. Isto fica claro pelo Filósofo [IV *Metaph.* 16], quando diz que definimos o verdadeiro dizendo "que é aquilo que é; ou que não é aquilo que não é". (AQUINO, 1999, p. 141).

Antes de sujeitar as objeções ao pensamento tomista tem-se uma apreciação geral sobre a discussão, também segundo Tomás de Aquino. Na compreensão ou demonstração de conceitos, há a necessidade de se separar a coisa definida da realidade que a envolve. É uma dificuldade citada por Gadamer em termos semelhantes na filosofia contemporânea, como foi visto no capítulo anterior. Não interessa neste tipo de conceito seu contexto histórico ou a sua cultura, o que evitará um apanhado de opiniões com significados isolados. Se, em uma rápida definição de *política*, não houver a consideração deste método, deparar-se-á com inúmeros pensadores que se expressaram a respeito desta ciência, e com vários conceitos que se interligam, os quais as realidades culturais fazem referência esse termo (*política*) estendendo-se a definição como corrupção, politicagem, absolutismo... Tudo isto, não contribuirá senão, para uma formação crítica sobre o assunto (sem desconsiderar a importância de tal apreciação), o que não é de prioritário na comparação do verdadeiro com o ente.

Esta redução de conceitos possibilita o intelecto apreender o que há de mais evidente entre as coisas, ou seja, o ente. Se, porém, o ente não está definido com a redução de conceitos, logo tem alguma coisa em acréscimo a este ente, a saber, os

conceitos reduzidos. Se necessário fosse reafirmar estes conceitos, de outra forma não seria, senão como acréscimos ao ente. Aparentemente existe uma contradição com algumas objeções que, como já foi explicado, são independentes do pensamento de Tomás de Aquino embora este possa tanto afirmá-las quanto negá-las. Mas não se fala em acrescentar ao ente, algo estranho a sua natureza, “mas se diz que algumas coisas acrescentam algo ao ente enquanto exprimem um modo do próprio ente” (AQUINO, 1999, p. 145).

Esquema I



Fonte: Isaías Galdino Ferreira

Nas ramificações que se da à explicação deste processo, pode-se traçar um caminho para se chegar à alma que, por adequação, conhece o objeto. Os conceitos são obtidos por acréscimo ao ente > de modo geral aplicável a todo ente > a um ente referido a outro > segundo o ajustar-se de um ente a outro. Este ajustar-se considera a potência apetitiva da alma (intelecto agente), que vai ao encontro do ente e o apreende. A potência apetitiva é a vontade que motiva o homem a conhecer o que é cognoscível, e da concordância do ente com o intelecto surge o verdadeiro.

Esta concordância diz-se adequação do intelecto e da coisa, e nela formalmente realiza-se a noção de verdadeiro. Isto é pois aquilo que o verdadeiro acrescenta ao ente, a saber, a conformidade ou adequação da coisa e do intelecto, [...] assim pois a entidade da coisa precede a noção de verdade, contudo o conhecimento é um certo efeito da verdade. (AQUINO, 1999, p. 149).

Resta explicar as objeções que confirmaram, de antemão a conclusão da comparação do verdadeiro com o ente. Quanto à afirmação de o verdadeiro ser “aquilo que é”, conclui-se que, uma coisa existente na realidade é diferente da sua noção enquanto adequação ao intelecto. Na realidade a coisa é o que é, enquanto no intelecto o que existe é uma verdade elaborada sobre a coisa. No mesmo raciocínio, a definição, é o que é, pode dirigir-se a noção formada sobre a coisa no intelecto, “não indica o ato de ser, mas é uma nota do intelecto componente, significando assim a afirmação da proposição de modo que o sentido é” (AQUINO, 1999, p. 151).

Quanto à afirmação de que o conceito de verdadeiro não pode ser entendido separado do conceito de ente, já foi dito que, o verdadeiro vem da adequação do intelecto e da coisa. É possível diferenciar estes dois conceitos levando em conta a razão do pensante sobre os dois objetos sem desconsiderar nem um nem outro. O difícil, no caso verdadeiro e ente, é compreender um sem a existência do outro, já que, sem a coisa não existe adequação, e sem adequação não existe o verdadeiro.

Ao falar da extensão do verdadeiro sobre o ente, se for possível afirmar “não é aquilo que não é”, pode-se também falar do não-ente. Desta forma não se afirmou um conceito de verdadeiro além do ente, pois não se pode falar de verdadeiro sem adequação da coisa e do intelecto. Portanto quando se fala em “é aquilo que é” ou “não é aquilo que não é” necessariamente é pressuposta uma enunciação do ente.

2. A verdade no intelecto e nas coisas

Sobre esta questão indaga-se, de que modo a verdade se evidencia por primeiro, considerando que pode ser encontrada no intelecto e nas coisas. A discussão partirá da afirmação de que o verdadeiro se encontra primeiro nas coisas, depois no intelecto. A inferência de tal afirmação parte da análise anterior, na qual se conclui que os conceitos do verdadeiro e do ente se equivalem. É observado também que, o ente está nas coisas antes do que na potência cognoscitiva (intelecto) da alma. Estando o ente nas coisas, e sendo equivalente ao verdadeiro,

então o verdadeiro também se encontrará primeiramente nas coisas e não no intelecto.

Se fosse a verdade constatada antes no intelecto, este teria que apreender todas as coisas. De forma que, o que estivesse fora do alcance do intelecto não seria verdadeiro. Como o conceito de verdadeiro vem por adequação do intelecto à coisa, seria verdadeiro tudo que estivesse diante do sujeito para que este pudesse fazer uma apreensão. É certo que, nas profundezas do oceano, ou debaixo da terra existem matérias que estão fora deste alcance, e que nem por isso, pode-se dizer que essas matérias não existem. Logo, há um problema em afirmar a verdade, antes nas coisas, que no intelecto.

Neste caso, Tomás de Aquino coloca-se da seguinte forma: “Quando predicados dizem-se primeiramente de uma coisa e posteriormente de outras, não é necessário que aquela coisa que for causa das outras receba por primeiro a predicação comum” (Aquino, 1999, p. 159-161). A isto se pode explicar por analogia: diz-se de uma mãe feliz por ter encontrado seu filho que estava perdido. A felicidade não encontra seu significado perfeito na causa imediata propiciante deste estado, que foi encontrar o filho, mas no estado em que se encontra a mãe (feliz).

Para obter um conceito, se faz necessário abstraí-lo da especificidade das circunstâncias, para que formulado de modo geral, possa enfim se referir a todas as situações particulares. Assim, várias situações de felicidade serão entendidas dentro de uma compreensão única de que seja felicidade, como também, o que esta fora do campo visual, a terra do subsolo ou a água das profundezas do oceano, participam de uma noção geral do que seja terra ou água. Esta noção geral não recebe, necessariamente, predicação por primeiro, mas a definição completa da coisa (felicidade) se encontrará primeiramente em algo comum (feliz) que se diz, neste caso, da mãe. Isto também se põe antes da circunstância (encontrar o filho) que proporciona a felicidade. Tomás de Aquino descreve este percurso do seguinte modo:

O complemento de qualquer movimento ou operação está em seu término. O movimento pois da faculdade cognoscitiva termina na alma – é preciso efetivamente que o conhecido seja no cognoscente segundo o modo do cognoscente -, enquanto o movimento da faculdade apetitiva termina na coisa (AQUINO, 1999, p. 161).

O intelecto é movido pela coisa externa e a apreensão desta coisa atrai a vontade. Esta atração caracteriza o bem, enquanto o verdadeiro é a adequação do ente ao intelecto. O bem existe nas coisas, mas o verdadeiro está no intelecto de onde surge por adequação a coisa. Logo, o verdadeiro será primeiro no intelecto, depois nas coisas. Nesta relação de adequação existe ainda outro movimento que se dá nas seguintes dimensões: no intelecto divino, no intelecto humano, e na coisa. Estes dois últimos possuem dupla compreensão. Em primeiro, o intelecto humano entende-se do modo especulativo e prático. Em segundo, a coisa divide-se em natural e artificial. O intelecto especulativo é aquele que contempla a verdade na coisa natural dada pelo intelecto divino. Desta contemplação ele se converte em intelecto prático ou intelecto componente e dividente. Este é o intelecto enquanto aprensor da coisa e emissor de juízos, que traz a verdade teórica à ordem prática. A coisa é natural enquanto criada pelo intelecto divino e se diz artificial enquanto medida pelo intelecto prático. A demonstração deste movimento em ordem resumida é a seguinte: o intelecto divino cria a coisa natural que mensura o intelecto especulativo, o qual se converte em intelecto prático ao criar a coisa artificial por apreensão.

Vale observar que, isto pode conduzir a uma interpretação errônea. Quando se diz que o intelecto humano artificializa a coisa é como se afirmasse que o intelecto não apreende a realidade como ela é, mas aquilo que ela aparenta ao sujeito ou uma idéia da coisa. Desta forma o intelecto apreenderia a si próprio, mas negaria a existência de algo fora do pensamento. Quanto a isto, já se evidenciou o realismo de Tomás de Aquino excluindo esta possível precipitação.

3. A mutabilidade da verdade no intelecto

A verdade das coisas é pelo intelecto. Considerando primeiramente o intelecto humano, a verdade é mutável pela conformidade deste com as coisas que conhece. A razão da mudança pode ser de dois modos: pela emissão de juízos contrários sobre a mesma coisa; e pela alteração da coisa que se apresenta ao sujeito. Neste caso a verdade do intelecto muda “não que ela própria seja o sujeito dessa mudança, mas pelo fato de que nosso intelecto passa do verdadeiro ao falso” (AQUINO, 2001 p. 372). A verdade será imutável somente no intelecto do qual nada pode escapar a sua inteligência perceptiva. Isto fica evidente pelo que foi dito acima, que esta é a causa de todas as coisas. Conclui-se assim: “É segundo a verdade do

intelecto divino que as coisas naturais são consideradas verdadeiras, e esta verdade é totalmente imutável.” (AQUINO, 2001, p. 372).

4. A verdade suprema

A existência de uma verdade única e suprema pela qual todas as coisas são verdadeiras pode ser entendida pelo argumento da participação o qual, aquilo que as coisas são em comum, é em razão de uma única coisa que é por excelência. Se as coisas são quentes, remetem ao fogo que é quente por essência, e se são temporais são em razão do tempo. Existem tantas verdades quantas forem as entidades das coisas. Mas é em razão de uma única verdade que todas as coisas são verdadeiras. Assim é afirmado no *De Veritate*:

O tempo é numericamente uno quanto a todas as coisas temporais; se então a verdade está para as coisas verdadeiras como o tempo para as temporais, é necessário que haja uma única verdade de todas as coisas verdadeiras, e não basta que todas as verdades sejam uma única em mover ou em ser exemplar. (AQUINO, 1999, p. 173).

Por adequação ao intelecto humano, cada coisa tem sua verdade, equivalente a si própria e diferente uma da outra. Cada ente tem seu significado verdadeiro particular. Estas verdades produzidas das coisas pelo o intelecto humano são de forma secundária, não se sustentam por si mesmas, mas apenas no próprio intelecto. É o que se define por verdades acidentais. Mas estes significados não desaparecem ao extinguirem-se o intelecto ou as coisas, pois são verdadeiros em razão da verdade suprema. A apreensão não torna o intelecto humano superior à verdade única, pois a existência desta não depende nem do intelecto, nem da coisa. Logo, ao sucumbir o intelecto, permanece a essência das coisas, segundo a verdade única pela qual todas as coisas são verdadeiras de forma primária. Esta é a verdade suprema, causa das coisas e do intelecto humano. A respeito disto conclui-se que:

Se, porém, falamos da verdade enquanto está nas coisas, então todas as coisas são verdadeiras em razão de uma única e primeira verdade, a que cada uma é assemelhada segundo seu modo de ser. Conclui-se, assim, que embora existam muitas essências ou formas das coisas, no entanto, a verdade do intelecto divino é única, e por ela todas as coisas são denominadas verdadeiras. (AQUINO, 2001, p. 368).

5. A verdade primeira como causa de todas as verdades

O que se diz por verdade primeira é o mesmo que a verdade suprema. É o intelecto divino do qual todas as verdades fluem. Ainda pode-se dizer dele, causa de todas as verdades que emanam das coisas em adequação ao intelecto humano. O problema deste raciocínio surge quando o intelecto divino é pensado como possuidor do mais alto grau de bondade, do qual é contraditório pensá-lo como causa de algum mal.

Na realidade inteligível não existe apenas coisas boas, mas há também aquelas que são más. Uma coisa mesmo sendo má não exclui sua verdade, a qual não se pode negá-la, é a verdade de que esta coisa é, e é má. Igualmente se diz do homem que mente e que a mentira em si é má, pois uma determinada circunstância apenas justifica a mentira, como quando alguém mente para salvar uma vida. Porém, a mentira continua sendo má em si mesma. O fato de o homem ter mentido não é falso por ser mau, mas verdadeiro. É verdade que o homem mentiu. Resta agora, resolver como esta verdade procede da verdade suprema, pois a verdade suprema é Deus e dele não provém a mentira.

Na resolução deste problema verifica-se que a verdade se encontra nas coisas criadas de duas formas: no intelecto que é medido pelas coisas; e nas coisas, por estas imitarem o intelecto divino. A identidade de cada coisa sustenta-se por si mesma. Quando se menciona um ente, aponta-se para uma referência de modo que, ao apreender a luz, aponta-se em direção a algo, a saber, de onde ela surge. Assim também é a coisa material, que encerra sua verdade em si mesma. De outro modo, ao aludir à escuridão, não se dirige a algo que ela tem em si, o raciocínio faz um movimento regressivo, afirmando a falta de luz. Com clareza evidencia-se o seguinte:

A verdade que se encontra nas coisas criadas não pode compreender em si outra coisa senão o ser da respectiva coisa, e a sua conformidade com o conhecimento, bem como a conformidade do conhecimento com as coisas ou as privações das coisas. Tudo isto provém de Deus, uma vez que de Deus deriva também a forma das coisas, através da qual subsiste a mencionada conformidade-concordância, como de Deus provém outrossim a própria verdade, como o bem ou o valor que é próprio da inteligência (AQUINO, 1996, p. 109).

As negações e as privações não subsistem em si, mas em outra entidade. Isto não implica na afirmação de que todo acidente é mau, mas que há uma noção

semelhante a da privação e da negação. Estas noções são apreendidas pelo intelecto humano, mas não imitam o intelecto divino. Portanto, ao ser constatada uma privação de bem, e o problema quanto à origem de sua verdade, conclui-se que toda privação ou negação não é proveniente da verdade suprema. Assim como a escuridão não provém de Deus, mas a sua verdade depende da verdade primeira.

Desta forma, se dá o percurso desta investigação, tem a reflexão racional como pré-requisito. Mostrou-se que, neste caminho de carácter ascendente, é resolvido o problema da existência material, aqui não somente no sentido de existente, mas de coisa criada. A ascendência é no sentido de que, pela apreensão racional da coisa material, o sujeito obtém a verdade da coisa que, por sua vez, depende da verdade suprema. Isto se resolve ao se falar de causa e ser:

Tudo, porém, que cabe a algo, ou é causado pelos princípios de sua natureza, como a capacidade de rir no homem, ou advém de algum princípio extrínseco, como a luminosidade no ar pela influencia do Sol. Ora, não pode ser que o próprio ser seja causado pela própria forma ou quiddidade da coisa, quero dizer, como causa eficiente; pois, assim, alguma coisa seria causa de si mesma, e alguma coisa levaria a si mesma a ser, o que é impossível. Portanto, é preciso que toda coisa tal que seu ser é outro que sua natureza, tenha o ser a partir de outro. E, como tudo que é por outro reduz-se ao que é por si, como a uma causa primeira, é preciso que haja alguma coisa que seja causa de ser para todas as coisas, por isto que ela própria é apenas ser; de outro modo, ir-se-ia ao infinito nas causas, pois toda causa, que não é apenas ser, tem causa do seu ser, como foi dito. É claro, portanto, que a inteligência é forma e ser; e que tem o ser a partir do ente primeiro que é apenas ser; e este é a causa primeira que é Deus. (AQUINO, 2009, p. 34).

O ente ganha aspecto de coisa criada tendo em vista que, a sua causa eficiente e final é a inteligência divina. A verdade tida por adequação ao intelecto humano é verdadeira em razão do intelecto divino, pelo qual a inteligência humana também é criatura. É a capacidade racional que alcança de certa forma o conhecimento, completado em seu sentido, pela fé.

Esta discussão em Tomás de Aquino é uma base que se perpetuará pelos séculos, por ela novos pensadores serão inspirados e novas correntes filosóficas nascerão. A verdade realista, que estabelece uma relação razão-fé, contribui para uma influência tomista em vários campos do conhecimento, como se vê a seguir.

III. CAPÍTULO

A VERDADE TOMISTA NA FILOSOFIA ATUAL

O tomismo contemporâneo está baseado na diferença estabelecida entre o contexto da época medieval, com as limitações deste período, e a reflexão filosófica construída sob influência de Tomás de Aquino. A propósito, Van Steenberghen observa que, "seu pensamento se esconde sob o véu de sua expressão medieval, com tudo aquilo que esta tem de imperfeito e de inadaptável ao pensamento contemporâneo." (CAMPOS, 1989, p. 15).

Tomás de Aquino sistematizou parte do pensamento de Aristóteles nas duas primeiras vias da suma teológica (movimento e causalidade). Nas suas obras, o doutor angélico se refere ao estagirita como, o Filósofo. Continuou esta sistematização abordando a tradição neoplatônica (Agostinho, Pseudo-Dionísio) e filósofos judeus e árabes. "Santo Tomás, em sua síntese filosófica conseguiu, com efeito, superar todas as fontes das quais se servira para a elaboração de seu pensamento." (CAMPOS, 1989, p. 17). Isto é reconhecido na reconstituição do pensamento medieval, onde se busca captar o espírito daquela época, ou seja, as motivações eram diferentes, sobretudo no que se refere a princípios de natureza espiritual e moral.

1. A verdade tomista no mundo

Os neotomistas contemporâneos ajustam-se às novas linhas de pensamento. Não retomam a filosofia tomista limitando a reflexão ao contexto medieval. A evolução histórica da filosofia, sobretudo no período moderno abriu um leque de possibilidades para se chegar ao conhecimento do verdadeiro. No modo individual de cada corrente de pensamento há certo grau de verdade, mesmo não sendo absoluto como se acredita ter vislumbrado os medievais. A construção do pensamento filosófico, raramente é feito de forma alheia a tradição, que inicia com os gregos em continuação, na atualidade, em âmbito universal. Esta fidelidade propicia um paralelo entre pensamentos de épocas diferentes.

Trata-se, na verdade, de uma assimilação orgânica pelo próprio tomismo de determinados aspectos de verdade, contidos em outras formas de pensar, verdades estas que se integram, de modo harmônico, em sua própria estrutura interna, à medida que constituem uma nova manifestação e uma explicitação nova das verdades contidas em suas teses fundamentais. (CAMPOS, 1989, p. 57).

Mesmo com a evolução histórica da filosofia, o pensamento de Tomás de Aquino tem aspectos atuais. É possível, através de uma leitura profunda, identificar na filosofia tomista as reflexões contemporâneas e, retomá-la adequando as novas tendências e aspectos de verdade do tempo presente. É possível também, ainda que em épocas distantes, haver a repetição de algumas ideias ou as primeiras fundamentarem as últimas, isto implica nas ideias contemporâneas um sentido evolutivo. Além disto, estas produções literárias carregam consigo “uma pluralidade de aspectos de verdade, que se encontram nelas contidos, de modo implícito, velado e oculto, os quais, não obstante, podem e devem ser explicitados” (CAMPOS, 1989, p. 57).

A filosofia tomista influencia vários campos do conhecimento moderno. Não somente a reflexão contemporânea usufrui deste legado, mas inclui também cogitações sobre ação humana, doutrina jurídica, social e econômica (Kohler, W. Sombart, O. Von Gerke, O. Spann). Os novos paradigmas são construídos em observância às bases tradicionais. As investigações filosóficas buscam o verdadeiro sentido de um objeto de estudo de qualquer natureza. A realidade que estiver no alvo da crítica filosófica terá em sua estrutura um questionamento na base interna, isto é, seu sentido de ser é posto a prova. É importante, antes de principiar um trabalho reflexivo, observar o que já foi modelo de conhecimento para determinada época, sobretudo quando se refere a uma filosofia que abarca tanto o campo religioso, como o social e político, “além da Filosofia e da Ética católicas, a Ética da Filosofia jurídica, social e política tomista receberam cabalmente palavras de alto reconhecimento.” (GRABMANN, 1959, p. 146). Estas sistemáticas complexas sempre serão referências na elaboração de ideias e padrões para o homem moderno, como se confere:

Para a filosofia da cultura, para as relações entre a cultura moderna e a Weltanschauung tomista, tem importância antes de tudo os contactos e coincidências no terreno da Ética e da doutrina política e social. O ponto fundamental do trabalho científico de G. Von Hertling está em haver sublinhado, precisamente neste terreno, a significação atual da Filosofia tomista. (GRABMANN, 1959, p. 145).

Em um diálogo entre o tomismo contemporâneo e a filosofia da existência, Regis Jolivet, procura integrar as análises existencialistas com a concepção tomista. Esta associação consiste em refletir a existência humana colocando sob conflito a existência do singular e a ordem de direito. A primeira não pode ser comunicada, é indizível, pode ser vivida e experimentada, mas não se submete a definições. A segunda, explanada neste trabalho, é constituída por leis e princípios universais, por essências, apreendidas na experiência entre sujeito e objeto e que constituem o elemento da ciência filosófica.

Dondeyne, também estabelece um diálogo com as correntes existencialistas. E se aproxima do modo como Merleau-Ponty o faz em que, o mundo é um objeto da intenção cognoscitiva, descrito fenomenologicamente. Numa visão tomista, o mundo é um envolvente, mas não no sentido mais abrangente; ele é um setor, no interior do envolvente último, que é o ser. O ser envolve tanto o mundo quanto as consciências que existem no mundo, sendo estas consciências, existentes pela relação com o mundo.

Max Mueller, abordando Heidegger, faz um paralelo com a filosofia tomista sobre a metafísica da história. Esta reflexão se movimenta em sentido vice e versa. Primeiro, mas sem indicar ordem, consiste em uma apreciação da história alargando o foco, das evidências e fatos históricos para o conceito. O que faz a história ser história ou, o que se define por história, são questões que definem a busca do verdadeiro. Segundo, mas simultaneamente, a metafísica submete-se a visão histórica. "A reflexão sobre a história, vivida qual experiência metafísica, sobre a metafísica, vivida, qual experiência histórica e sobre as condições que tornam possível tal experiência" (CAMPOS, 1989, p. 62-63).

Jacques Maritain, também aborda a filosofia tomista como um pensamento precursor das verdades dos sistemas modernos e contemporâneos. As correntes de pensamento atuais se manifestam na filosofia medieval de forma tímida, mas prosseguiu através desse período, a evolução da sistematização do pensamento filosófico. A estrutura em que se dá a construção da filosofia tomasiana é, por natureza, aberta a novos conceitos de verdade, precisamente pelo seu caráter sintético de abordagem direta, de toda a tradição filosófica até o seu tempo.

Maritain vê, assim, o tomismo qual organismo doutrinal, fundamentado em princípios verdadeiros, o qual, por sua própria natureza de pensar aberto e progressivo, de organismo espiritual, em constante progresso, está sempre disposto a acolher e a assimilar todas as verdades parciais contidas em outros sistemas filosóficos. [...] ele progride, desta forma, contribuindo ao mesmo tempo para o progresso da própria filosofia, à proporção que realiza, em si mesmo, esta filosofia virtual, que se torna, de imediato, visível e capaz de vestir-se de fórmulas novas, de se formar e se dispor num todo orgânico. (CAMPOS, 1989, p. 95).

Entendido como um pensamento não acabado, mas revigorado no contexto contemporâneo, há um crescimento natural. A filosofia tomista se renova sem se impor e é apresentada em confronto com os diferentes ramos filosóficos. Neste sentido, é apresentada por Maritain se contrapondo ao método cognoscível da fenomenologia afirmando que o intelecto não conhece apenas a idéia da coisa, mas a própria coisa. Na filosofia tomista, o termo coisa significa qualquer realidade que seja possível uma apreensão pelo intelecto, sem distinção entre objeto material e objeto formal (coisas que estão para além do "pegar"). Para Maritain, este é o sentido dessa relação entre sujeito e coisa. Ele discorda da idéia de que o sujeito, em contato com o objeto, cria uma ideia do objeto diferente da realidade. O sujeito apreendendo a si próprio.

Nesta linha de pensar, no plano do conhecimento sensível, o conteúdo de uma percepção do sentido não é unicamente, tal qualidade sensível ou tal estímulo, mas, acima de tudo, algo que afeta nossas faculdades sensoriais e solicita uma reação sensório-afetiva. (CAMPOS, 1989, p. 97).

Na inteligência, o conhecimento adquire sua expressão mais completa. Não é uma simples retenção do extramental, mas a emissão de juízos em um raciocínio lógico. Realiza-se uma referência ao conteúdo do pensamento a uma existência real, que seja possível de conhecer. Quando se diz que o juiz é competente, afirma-se a existência real tanto do objeto de pensamento "juiz" quanto "competente" e os dois objetos são apreendidos da mesma forma. Maritain traça uma via do conhecimento que passa, não necessariamente nesta ordem, pelos seguintes processos: julgamento, sensibilidade e intencionalidade. O ato de julgar é superior ao conceito da coisa, mas refere-se a ela aperfeiçoando sua verdade. A sensibilidade torna-se o espaço onde o ato de julgar atua. A intencionalidade, na ótica realista, faz a inteligência captar a realidade imaterial que independe do ato de pensar.

2. A verdade tomista no Brasil

A chegada da filosofia tomista ao Brasil, remota aos tempos da expansão marítima européia com o descobrimento da terra de Vera Cruz. Em 1549, com a expedição de Tomé de Sousa, a Companhia de Jesus chegou ao Brasil recém-descoberto. Com a missão de catequizar os índios, assumiram a educação nos diversos aspectos disciplinares. Não obstante, os Jesuítas fizeram mais do que evangelizar, “A história da cultura, da educação e, conseqüentemente, da própria filosofia, nos quatro primeiros séculos do Brasil, confunde-se com a própria história do catolicismo e de sua evangelização “civilizadora”. (SEVERINO, 2011, p. 32). A Igreja estava vivendo a contrarreforma e, como reação positiva a qualquer deficiência, no caso da Igreja Católica, houve intensificação de sua doutrina. No Brasil da época, isto influenciou todas as dimensões das relações humanas. Atualmente, a filosofia tomista no Brasil tem uma característica semelhante a que foi abordada no item anterior. A relação é de confronto com a nova construção filosófica, ora em acordo, ora com bifurcações.

Leonel Franca comenta sobre a afinidade de Tomás de Aquino com o real e, partir da realidade para uma concepção do verdadeiro. Aponta, também, a consideração com a tradição como sinal de abertura e possibilidade de progresso. A filosofia não é trabalho de um só filósofo, nem pertence a determinado período de tempo, mas é resultado de uma tradição, de um trabalho antecedido por vários pensadores os quais Franca ressalta em Tomás de Aquino, o respeito que este tem pelos seus antecessores. Quanto a fazer uma filosofia aberta à evolução de novas concepções de verdade, afirma-se que:

Possuindo a flor do esforço intelectual do passado, os neotomistas não hesitam um só instante em assimilar todos os progressos dos tempos modernos. A verdade não é monopólio de ninguém; é patrimônio comum das inteligências. Neste ponto, como em tantos outros, desejam conservar-se fiéis ao espírito de uma filosofia caracterizada precisamente pela abertura total a todas as outras formas de pensamento filosófico. (CAMPOS, 1998, p. 80).

O Pe. Urbano Zilles, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, também tem uma filosofia tomista em diálogo com o pensamento atual. As características citadas por ele, da filosofia tomista, que proporcionam este confronto, são: a *gnosilogia*, a *antropologia*, a *cosmologia*, a *teodicéia* e a *moral*. A *gnosilogia* refere-se à construção do conhecimento tomista, marcado pela razão e

pela experiência, presente, sobretudo na questão *De veritate* da Suma Teológica. Possui “uma *antropologia*, que harmoniza, metafisicamente, no homem, a alma e o corpo; o espírito e a matéria, como espírito encarnado” (CAMPOS, 1998, p. 203). A teodicéia se faz perceptível, especialmente nas provas da existência de Deus e, no argumento da causa presente na obra *O ente e a essência*, este, aludido anteriormente no segundo capítulo deste trabalho. É a ascensão do ente que, sendo algo por participação ao que é por excelência, remete o intelecto humano à causa suprema. Por último, há uma facilidade de estender a moral de Tomás de Aquino a outros campos de relações humanas. Isto fixa o que já foi relatado, da chegada dos Jesuítas ao Brasil com a evangelização “civilizadora”. A esta dinâmica ressalta-se:

É deveras, este pensamento dinâmico, que permite ao tomismo tradicional, enriquecer-se continuada e continuamente, em diferentes momentos históricos e renascer, qual pensamento renovado e enriquecido, fato este que permite afirmar sua perenidade e validade universal. (CAMPOS, 1989, p. 204).

Observa-se que, a filosofia de Tomás de Aquino, é usada por Zilles em diálogo com o existencialismo de Heidegger, colocando a indagação de Heidegger sobre o ser, em relação com a causa suprema de Tomás de Aquino. Na sua posição tomista, Zilles dialoga com pensadores que discutiram o problema religioso, entre eles, Descartes, Pascal, Kant, Hegel, Wittgenstein, Popper. Outros que assumiram posição atéia como, Feuerbach, Marx, Freud, Nietzsche. Com estes três últimos, trata-se de uma discussão abarcando a sociologia, a psicanálise e o niilismo. Este último é uma teoria que, admite o *nada* como verdade, e o coloca na base de todas as coisas.

É cabível que, a reflexão da escolástica era mais fechada em um discurso de caráter teológico, e sob este valor, discriminava as chamadas ciências profanas. Contudo, o espírito de abertura de alguns teólogos-filósofos, dentre eles, Tomás de Aquino, proporcionou uma emancipação das partes. Sua filosofia é vinculada a outros ramos atuais que buscam uma verdade. Constitui uma base que, norteia até os dias atuais, os rumos de um pensar filosófico.

CONCLUSÃO

Neste trabalho constatou-se uma influência, e ao mesmo tempo, um limite da verdade na filosofia tomista, frente aos rumos de um novo pensar filosófico. A influência acontece com os neotomistas dialogando com as novas correntes filosóficas e, conseqüentemente, confrontando-se com outros meios de se buscar um conhecimento verdadeiro, a saber, o empirismo, a fenomenologia, o existencialismo, dentre outros. Estas correntes têm como base a tradição filosófica.

Os objetivos constituíram a principal abordagem deste trabalho foram: Determinar a existência da verdade nas coisas enquanto entes; considerar a existência da verdade, no intelecto e nas coisas; identificar uma verdade única como causa primeira, pela qual todas as coisas são verdadeiras; características e autonomia de uma verdade primeira sobre as outras. Os problemas foram levantados e concluídos da forma como os próprios objetivos propõem, sem contrariar as afirmativas contidas em cada um deles. A base foi uma retomada da filosofia tomista, de modo mais específico na obra *Verdade e conhecimento*.

Observou-se ainda que, o limite da filosofia tomista encontra-se apenas onde começam as novas correntes de pensamento que, de certa forma, sempre existiram, mas a partir do período moderno foram sistematizadas. Contudo este limite ainda se dar em forma de influencia, pois, a reflexão contemporânea colocar-se a favor ou contra, mas nunca indiferente, a esta tradição na qual, Tomás de Aquino está inserido por ter feito, como que, uma síntese filosófica até sua época. Uma reflexão atual feita em uma ótica tomista, se direciona a qualquer realidade que esteja sujeita a um juízo emitido pelo intelecto humano. E é nesta ótica que se percebe, a sombra da filosofia tomista, no perpassar dos séculos até os dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. ed. 14. Petrópolis: Vozes, 1999.
- AQUINO, Tomás de. Coleção Os Pensadores. Bauru: Nova Cultural, 1996.
- _____. **O Ente e a Essência**. ed. 5. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. **Verdade e conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola. V. II. 2002.
- BOEHNER, Philotheus. GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. ed. 10. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CAMPOS, Fernando Arruda. **Tomismo Hoje**. São Paulo: Loyola, 1989.
- _____. **Tomismo no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1998.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GARDEIL, H. D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino**. São Paulo: duas cidades, 1967.
- GRABMANN, Monsenhor Martinho. **A Filosofia da cultura de Santo Tomás de Aquino**. Petrópolis: Vozes, 1959.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. ed. 8. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JAPIASSU, Hilton. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- MACH, Charles J. **Dicionário de filosofia de Cambridge**. Trad. João Paixão Netto; Edwino Aloysius Royer et al. São Paulo: Paulus, 2006.
- SANTO ANSELMO – ABELARDO. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1979.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **A filosofia contemporânea no Brasil**. Conhecimento, política e educação. ed. 6. Petrópolis: Vozes, 2011.